



**A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO “FÁBRICA DE CAMPEÕES”:
NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O “RACHÃO”**

**THE PHYSICAL EDUCATION CLASS AS “CHAMPION FACTORY”:
ETHNOGRAPHIC NOTES ABOUT THE “RACHÃO”**

**LA AULA DE EDUCACIÓN FÍSICA COMO “FÁBRICA DE CAMPEONES”:
NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE EL “RACHÓN”**

Samuel Nascimento de Araújo


<https://orcid.org/0000-0003-3601-0617> 


<http://lattes.cnpq.br/7087249213667206> 

Prefeitura Municipal de Guarani das Missões (Guarani das Missões, RS – Brasil)

araujoedf@hotmail.com

Márcio Cardoso Coelho


<https://orcid.org/0000-0003-2578-6719> 


<http://lattes.cnpq.br/6335896669903869> 

Prefeitura Municipal de Porto Alegre (Porto Alegre, RS – Brasil)

coelhocardosomarcio@gmail.com

Eduardo Batista Von Borowski


<https://orcid.org/0000-0001-6779-5133> 


<http://lattes.cnpq.br/5448830712147851> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (Garopaba, SC – Brasil)

eduardo.borowski@ifsc.edu.br

Leandro Oliveira Rocha


<https://orcid.org/0000-0001-8404-1261> 


<http://lattes.cnpq.br/5053031416763217> 

Prefeitura Municipal de Teutônia (Teutônia, RS – Brasil)

leandro.o.rocha@hotmail.com

Fabiano Bossle

<https://orcid.org/0000-0002-9048-6109> 

<http://lattes.cnpq.br/5973186167388983> 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)

fabiano.bossle@ufrgs.br

Resumo

A fim de compreender o processo de seleção de conteúdos de três professores de Educação Física de uma escola pública gaúcha, a qual compartilha e legitima a monocultura esportiva do futsal, tendo o “rachão” como processo pedagógico e o treino a base para a formação de atletas. Realizamos uma etnografia no ano de 2015, com intenso processo analítico e reflexivo. A interpretação de que o “rachão” reforça o gosto dos estudantes e a manutenção de uma Educação Física que privilegia a formação de atletas, buscando o rendimento e eficiência, cuja intencionalidade é a formação de atletas, não se trata de desinvestimento, trata-se de ser reconhecido pelo status hegemônico, e neste contexto particular, professor bom é professor que ganha campeonato, mesmo que para isso tenha que negar outras possibilidades nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Monocultura Esportiva; Etnografia; Cultura Escolar; Educação Física Escolar.

**Abstract**

In order to understand the content selection process of three Physical Education teachers from a public school in the state of Rio Grande do Sul, which shares and legitimizes the sports monoculture of futsal, with the “rachão” as a pedagogical process and training as the basis for the formation of athletes. We carried out an ethnography in 2015, with an intense analytical and reflective process. The interpretation that the “rachão” reinforces the students' taste and the maintenance of a Physical Education that favors the training of athletes, seeking performance and efficiency, intentionality is the training of athletes, it is not about divestment, it is about to be recognized by the hegemonic status, and in this particular context, a good teacher is a teacher who wins the championship, even if he has to deny other possibilities in school Physical Education.

Keywords: Sports Monoculture; Ethnography; School Culture; School Physical Education.

Resumen

Para comprender el proceso de selección de contenidos de tres profesores de Educación Física de una escuela pública en el estado de Rio Grande do Sul, que comparte y legitima el monocultivo deportivo del futsal, con el rachão como proceso pedagógico y la formación como base para la formación Atletas. Realizamos una etnografía en 2015, con un intenso proceso analítico y reflexivo. La interpretación de que el “rachão” refuerza el gusto de los estudiantes y el mantenimiento de una Educación Física que favorece la formación de los deportistas, buscando el rendimiento y la eficiencia, la intencionalidad es la formación de los deportistas, no se trata de desinversión, se trata de ser reconocido por el estatus hegemónico, y en este contexto particular, un buen maestro es un maestro que gana el campeonato, aunque tenga que negar otras posibilidades en las clases de Educación Física.

Palabras clave: Monocultura Deportiva; Etnografía; Cultura Escolar. Educación Física Escolar.

INTRODUÇÃO

[...] só pego boca porque os internos me conhecem e sabem que eu jogo bem, treino na escolinha, e por isso me deixam jogar (pausa) se fosse pelo professor eu ficaria só assistindo as aulas [...] quem define quem vai jogar ou não são os internos. (D. C. 19 de maio de 2015).

A narrativa que inicia este texto é fragmento de um diálogo com Zeca, aluno do 1º ano do Ensino Médio, segundo relato do aluno sua experiência anterior, durante os anos finais do Ensino Fundamental suas aulas abordavam uma diversidade de experiências, segundo ele: “a gente jogava, brincava de tudo professor, a gente fazia trabalhos e apresentava, mas agora é só jogar, pra mim não é normal, mas gosto de jogar, então me acostumei rápido [risos]”. O conteúdo da narrativa nos leva a considerar os efeitos do modelo esportivo que se configura na cultura escolar e que encaminha para a monocultura esportiva e ao processo de formação e organização da equipe da escola, aquela que irá selecionar os melhores jogadores de futsal para representar a escola nos eventos esportivos escolares.

Deste modo, ao estudar o processo de seleção de conteúdos de ensino da Educação Física escolar, suas representações, significados e aspectos simbólicos compartilhados na cultura escolar, e, entre outros objetivos procurar compreender as relações estabelecidas entre a hegemonia do esporte no espaço escolar e a cultura corporal que transita na cultura da comunidade, e que de forma arbitrária acaba não sendo tratado nas aulas de Educação Física.



Com o objetivo de problematizar os prós e contras do esporte no espaço escolar, pesquisamos o processo de seleção de conteúdos de ensino da Educação Física através de uma dissertação de mestrado apresentada em 2016, por meio da qual, de modo significativo, compreendemos que a monocultura esportiva do futsal, oriunda de uma representação hegemônica do esporte, é compartilhada e legitimada na cultura escolar particular da Escola Comandaí, local onde foi realizada a pesquisa.

No processo de pesquisa, sustentado no aporte teórico-metodológico das etnografias, analisamos as aulas de Educação Física a partir de elementos simbólicos e seus significados compartilhados, bem como a cultura escolar, e identificamos que, conseqüentemente à hegemonia do esporte, a cultura corporal dos estudantes era invisibilizada nas aulas de Educação Física de forma arbitrária.

Durante as aulas de Educação Física o que prevalecia como prática pedagógica cotidiana era o que denominamos por *rachão* (é o nome dado no Brasil a uma partida de futebol com características recreativas, geralmente utilizado em treinamentos como momento de descontração dos jogadores, tem regras livres, mas neste caso é resultado de uma tematização do jogo do futsal que é representado nas competições citadinas). Justamente por isso, orientamos este texto na seguinte questão: “Como o *rachão* se constitui na cultura escolar e legitima a monocultura esportiva?”

Reconhecendo que a aula de Educação Física na escola nos permite pensar inúmeras possibilidades de problematizar a cultura corporal de movimento que vivem nossos estudantes, neste contexto particular, o “*rachão*” é a aula de Educação Física, não há problematizações, tampouco diálogo a respeito das práticas esportivas, há sim a preparação para os jogos e a formação de atletas na escola. Entendemos que a aula de Educação Física é um espaço plural, multicultural e que nos permite inúmeras problematizações, e tratando de esporte concordamos com Araújo; Coelho; Medeiros e Rocha (2021) que defendem uma perspectiva crítica para o ensino do esporte na escola, esta perspectiva possibilita descortinar o papel hegemônico que a colonização segue constituindo nos contextos escolares por meio de práticas esportivizantes hegemônicas. O que nos permite posicionar a aula de educação física como um espaço de construção de conhecimento e de problematização da cultura que vivem os estudantes, podendo assim, criar um outro currículo, que reconhece e permite que aqueles que são historicamente silenciados possam ter voz (ARAÚJO, 2021).



Destarte, além das informações sobre a metodologia de pesquisa, apresentamos a seguir a prática que identificamos por rachão para ilustrar o que acontece na escola e discutimos o significado da Educação Física no contexto da escola investigada a partir de fragmentos do trabalho de campo. Sobretudo, com o intuito de sustentar nossas reflexões críticas sobre o modelo esportivista, do “esporte na escola” (VAGO, 1996; BETTI, 1999), e, em contrapartida, contribuir para uma mudança de paradigma do tema esporte na Educação Física escolar.

DECISÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O enfoque aqui é dado a partir da construção cultural em torno da aula de Educação Física, que ora é treino e ora é local de formação de atletas para representatividade da escola em eventos escolares, em um Centro de Referência em Educação Profissional, a Escola Comandáí.

Na escola, realizamos uma etnografia (GEERTZ, 1989) onde interpretamos a cultura compartilhada a partir dos aspectos simbólicos compartilhados pelos indivíduos em seu contexto cultural, a partir da relação que os sujeitos estabelecem em sociedade e descobrindo como os indivíduos constroem e desenvolvem suas práticas sociais (STIGGER, 2007), realizamos o trabalho de campo entre os meses de março e dezembro do ano de 2015, cuja proposta foi estruturada pensando no processo de seleção de conteúdos de ensino das aulas de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Participaram do estudo os três professores de Educação Física, os estudantes, a equipe diretiva, os supervisores e os orientadores, uma vez que acompanhamos o cotidiano escolar nas mais diversas situações, entre elas a aula de Educação Física, jogos escolares, reuniões de professores com alunos e equipe diretiva, festividades da escola, gincanas escolares e campeonatos realizados na escola e fora dela. Para constar, os nomes utilizados para identificar a escola e os participantes da pesquisa são fictícios, com intuito de preservar o sigilo de suas identidades. Todos os participantes da pesquisa realizaram a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento de Livre Esclarecido (TCLE), salientamos que os nomes citados no texto são fictícios a fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

Ao longo desta pesquisa foram realizadas 62 observações, registradas em diário de campo (D.C.) momento em que ao mesmo tempo que registrava acontecimentos significativos no decorrer dos eventos, servia de local de escrita reflexiva, onde ao mesmo



tempo em que registrava os fatos, tencionava a cultura local, a minha prática de professor de Educação Física e as relações que os sujeitos estabeleciam naquele local particular. Também realizamos uma densa análise de documentos, realizamos entrevistas semiestruturadas com os três professores de Educação Física, um supervisor escolar e quatro estudantes, dos quais dois defendem o esporte de rendimento nas aulas de Educação Física e outros dois defendem o esporte de participação. Importante salientar que embora as aulas sejam mistas, foram entrevistados somente os meninos porque as meninas eram dispensadas das práticas corporais, uma vez que, segundo o supervisor e professores de Educação Física, as aulas deviam ser destinadas ao treinamento dos meninos no futsal.

A partir da análise das informações coletadas, foi identificada a modalidade esportiva do futsal como único conteúdo de ensino das aulas, bem como um aspecto para compreender o significado das aulas de Educação Física compartilhado no universo particular desta escola: a noção de “rachão”, o qual será detalhado a seguir.

“RACHÃO”: “DO TEMPERO AO GOSTO” DOS ESTUDANTES À UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INTENCIONAL

Logo na primeira observação das aulas de Educação Física, com a turma do 8º ano, foi realizado inicialmente um aquecimento articular e muscular composto por exercícios típicos do treinamento de futsal, cujo professor demonstrava o movimento e os alunos o reproduziam. Em seguida, os estudantes iniciaram um jogo de futsal, sem qualquer tipo de diálogo, problematização ou orientação, durante o qual o professor assumia, exclusivamente, a função de árbitro, com raras intervenções para dar instruções sobre o posicionamento em quadra para alguns estudantes. Por fim, o professor de Educação Física apita o encerramento da partida e todos os estudantes se dirigem aos vestiários para trocar de roupa e retornar à sala de aula.

Este registro, realizado logo na primeira observação, ilustra o cotidiano da aula de Educação Física desenvolvida pelos três professores de Educação Física desta escola. Um relato que localiza a aula de Educação Física como “o jogo de futsal”, na qual o professor controla o tempo e atua como árbitro da partida, todos os meninos aderem à proposta – sobretudo porque gostam de jogar futsal –, embora os estudantes mais habilidosos joguem em todas as aulas, e as meninas são dispensadas da experimentação corporal. De fato, às meninas resta conversar, manipular aparelhos de telefone celular e ler livros, o que, para elas, é cômodo porque não requer esforço, tampouco algum tipo de exigência proposta pelo professor.



Trata-se de uma aula que causa espanto à medida que não há a construção de conhecimento previamente planejado e sobretudo localiza o jogo de futsal e o gosto pela competição como pressuposto central das aulas de Educação Física. Nesse caso, o jogo de futsal é livre de intencionalidade pedagógica e disputado de forma viril, em outras palavras, o jogo dos estudantes compreendia uma reprodução do modelo de jogo de atletas de rendimento, como é observado em eventos de futsal transmitidos pelas mídias. De fato, o jogo entre os estudantes não os parece uma aula de Educação Física, e sim um “campeonato nacional”.

O jogo é um “rachão”, reforçado pelo gosto dos estudantes e a manutenção de uma Educação Física baseada na monocultura esportiva, cujo futsal é a prática corporal escolhida por todos. Isso significa que o sentido da aula, bem como a prática corporal são permeados por significados compartilhados por professores e estudantes na cultura escolar. Atrevemo-nos a dizer que, para estes, aula de Educação Física é rachão e prática corporal é futsal. Todos os estudantes apoiam as aulas como são desenvolvidas alguns menos, outros mais. Sobre o fato de alguns não terem acesso às práticas – porque não são considerados habilidosos, tal como disse um dos estudantes entrevistados, a aula sem dúvidas é baseada no esporte, no futsal, uma concepção também compartilhada pelos professores. Diante deste quadro, os professores de Educação Física afirmam que “geralmente a gente tem trabalhado mais o futsal, os preparativos, os alongamentos, aquecimento e vão para o jogo” (ENTREVISTA, PROFESSOR PEDRO); o que perpassa alguns momentos em que são transmitidos os códigos e normas do esporte convencional, ou seja, as demandas do rendimento.

Em um diálogo com o professor Marcos, percebemos a importância dada pela escola à participação em eventos esportivos, bem como ao bom desempenho dos estudantes, que, agora, representam a escola. Segundo o professor Marcos, o supervisor da escola geralmente o convoca para acompanhar e se responsabilizar pelos estudantes no “cidadino” – evento competitivo entre escolas localizadas no município – e deixa claro que a escola não pretende participar do evento, mas sim ganhar a competição. A valorização do resultado, neste caso, é entendida como uma fonte de motivação para os demais estudantes da escola, para que estes busquem na prática de uma Educação Física esportivizante melhores resultados. Esta ideia de resultados expressivos fica mais clara nas falas dos Professores de Educação Física. ao tratarem como a equipe diretiva entende este fenômeno no contexto escolar:



Eles exigem resultado, que os alunos façam treinamentos e vão, e tem que ganhar, tem que competir da melhor forma possível para trazer a medalha para a escola, mas nem sempre é possível isso né (ENTREVISTA, PROFESSOR PEDRO).

A cobrança é sempre grande, eles alegam que se você tem um horário de trabalho na escola a tarde, e você tem um nível de alunos que vem de fora, de vários municípios, então você pode montar equipes bem competitivas. A direção sempre nos cobrou essa história de sempre ter bons resultados, nunca deixaram para trás e as vezes a gente consegue resultados astronômicos no JERG's (Jogos Escolares do Rio Grande do Sul). [...] Eles (direção) não entendem as coisas e querem resultado. Nos jogos, por exemplo, querem ganhar tudo, mas para isso tem que treinar, mas quando fazer isso? (ENTREVISTA, PROFESSOR MARCOS).

E para obterem estes resultados a aula de Educação Física passa a ser o espaço para a detecção dos estudantes mais talentosos para integrarem a equipe da escola, Amélia relata um resultado surpreendente no JERG's da modalidade de handebol, onde a equipe juvenil da escola venceu a etapa de coordenadoria, fato antes nunca conseguido e que houve certo espanto dos demais professores, pois esta modalidade não é praticada na escola.

A literatura nos mostra que não é recente o debate acadêmico em torno do esporte na escola, enquanto um conteúdo hegemônico. Podemos citar os trabalhos de autores importantes na Educação Física que ao longo dos anos vem fazendo duras e veementes críticas ao modelo de esporte que vem sendo desenvolvido nos espaços escolares (BETTI, 1999; KUNZ, 1994; BRACHT, 1992; SOARES et al., 1992; CASTELLANI FILHO et al., 2009). É neste contexto de debate que este trabalho pretende tecer algumas considerações, tendo como ponto de partida um estudo realizado no chão da escola.

É possível, ainda na fala expressa pelo supervisor perceber certa supervalorização dos eventos esportivos, superando a própria Educação Física escolar, e que possui na equipe diretiva a fomentadora e apoiadora destas atividades.

Existe uma política de realização de jogos, de intercâmbios, eles (alunos) mesmos organizam os seus campeonatos, então existe essa política que é diferenciada, não de dar só aquela aula dentro do currículo, dentro da grade curricular, mas existem estas atividades extraclases que são muito fortemente executadas. Eles realizam indo a campo, indo a outros municípios, eles têm os jogos a nível regional, estadual, participam de campeonatos, e assim é uma política diferenciada (ENTREVISTA, SUPERVISOR).

Esta política de eventos esportivos nos leva a entender que as aulas de Educação Física apresentam um caráter de esportivização, ou seja, a preparação para jogos ou treinos de uma ou outra modalidade esportiva, mas neste caso o futsal é destaque, e à aula é dado outro sentido. O que passa a transitar nos discursos dos Professores de Educação Física:



A aula serve para ir treinando, selecionando os alunos que são os melhores em cada turma para formar a equipe da escola, reúne eles em dois ou três momentos e vão para a competição. A gente faz algum treinamento quando tem alguma competição, senão é mais a Educação Física mesmo (ENTREVISTA, PROFESSOR PEDRO).

Dentro das aulas de Educação Física são todos os alunos, os que querem jogar, os que querem praticar e os que querem pré-educativos, e os que não querem nada. Vamos entender os alunos com pouca habilidade, só que eles têm que se esforçar para tentar aprender, os alunos que não gostam muito de jogar, e que não tem habilidade podem ficar de fora (AMÉLIA. D.C. 22 de setembro de 2015).

A ideia de utilizar a aula de Educação Física como um espaço para ir selecionado os melhores para que estes possam ingressar e formar a “equipe da escola”, a qual irá em um outro horário (Estes horários correspondem a treinos são realizados no turno vespertino, onde os professores possuem horas de treino, conforme projetos encaminhados a Coordenadoria Regional de Educação, os quais visam ser um atrativo aos estudantes, e ao mesmo tempo, a preparação para as competições), realizar os preparativos para as competições que a escola participa, mesmo que a ideia dos Professores de Educação Física é restrita a participação de um grupo de alunos na aula, mesmo que os discursos soem numa lógica onde todos devem estar inseridos, a fala de Amélia acima retrata esta perspectiva de divisão durante as aulas, entre os alunos, seus desejos, suas aptidões e inaptidões.

Diante das observações claramente percebemos, principalmente no nível médio, uma organização de equipes tendo como base um processo de formação de equipes que segue uma ordem exterior ao espaço escolar, ou seja, seguem as normas e orientações das ligas de futsal que são realizadas na região.

Deste modo o jogo, ou seja, o “rachão” onde as equipes competiam durante as aulas de Educação Física, colocam o esporte como um modelo de sociedade classista, que de acordo com Molina Neto (1996, p. 11) pode se perceber “[...] ao analisar a forma como as práticas esportivas se organizam em uma determinada sociedade, perceber fragmentos significativos de como esta sociedade se apresenta quanto à produção, ao consumo e à estrutura social”.

Esta lógica segue a influências políticas, econômicas, culturais e sociais que passam a ser representadas por meio das práticas esportivas, e que na escola passam a ser um modelo de manipulação através do esporte, que acaba reproduzindo a desigualdade social de forma subjetiva (MOLINA NETO, 1996).



Este modelo representado pelo rachão representa a manutenção de valores sociais dominantes, pois neste contexto quem tem mais acesso ao centro da aula são aqueles estudantes, que de certo modo dominam as técnicas da modalidade escolhida, reproduzindo o esporte de alto rendimento que segundo Molina Neto (1996) está sempre reproduzindo na escola um viés ligado ao rendimento e engajado em uma doutrina neoliberal.

A qual é pautada segundo Molina Neto (1996, p. 73) numa perspectiva onde:

[...] o esporte na escola deve ser trabalhado tendo como horizonte a expressão do aluno e à luz de uma metodologia diferenciada, à medida que o mesmo é, acima de tudo, um instrumento a mais de educação, cujo objetivo maior deve ser, além da capacidade de comunicação e expressão do estudante, o de desenvolver a autonomia.

No entanto, diante das observações, principalmente no nível médio percebi uma constante reprodução e continuidade das Ligas de Futsal de escolinhas no seio da Educação Física escolar. De modo que durante as aulas das turmas realizavam uma organização das equipes baseada nas disputas ente cidades da região. Assim, a formação das equipes não é estritamente ligada ao Professor de Educação Física, os estudantes ao longo do Ensino Médio principalmente, desenvolvem um processo de formação destas equipes, que são as que disputam entre si durante as aulas, e na escola disputam a vaga para representar a escola nos JERG's.

Ao longo do Ensino Médio percebi um processo de transição na formação das equipes, onde as turmas de primeiro ano eram formadas por amizade, ou seja, os estudantes vindos da mesma localidade ou cidade formavam uma equipe, e transformavam a aula em uma disputa entre cidades, independentemente do nível técnico-tático de todos os estudantes, parecia ser uma continuidade das Ligas de Futsal que a região organizava.

Já no segundo ano os grupos iniciavam um processo de transição de um grupo para outro, onde as cidades de origem dos estudantes que eram localizadas mais próximas umas das outras formavam um novo grupo, a partir daí a condição para fazer parte da equipe eram ligados estritamente "ao jogar bem", como eles mesmos falavam, os outros que eram excluídos por inaptidão formavam outros grupos, e na ordem dos jogos eram os últimos.

Por fim, no terceiro ano, aí sim percebia nitidamente a formação de grupos determinada pelos melhores jogadores independente da cidade de origem, estes buscavam marcar um território na escola, ou seja, ficar na história da escola como a equipe que mais "levantou no JERG's" (levantar neste sentido refere-se a ganhar títulos, vencer campeonatos, e ser visto na escola como os melhores jogadores, aqueles que são a liderança no espaço



escolar) aos demais estudantes ficava a função de torcer por estes durante os jogos entre as turmas, palpar sobre escalação de colegas, sobre substituições, e de forma secundária esperavam pra jogar nas aulas, mas isso quando os “boleiros” paravam para descanso ou não jogavam pra realizar trabalhos de outras disciplinas.

Seguindo este caminho, o esporte realizado nas aulas de Educação Física escolar é determinado pelo rendimento e eficiência, o Professor de Educação Física assume papel de treinador ou árbitro, e a aula assume um caráter somente de atividade física dissociada aos interesses dos estudantes de uma forma geral, apenas de um grupo que determina o que todos devem aprender (MONTANDON, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento de Bracht (1993) é de que o conteúdo poderoso da Educação Física escolar é o esporte, e que na escola, passou a incorporar a função seletiva e preparatória para as relações sociais de produção a partir do momento em que sua prática pedagógica passou a ser baseada na competição e nos produtos do esporte, na qual toda a organização da prática pedagógica sustenta a hierarquia e manutenção das elites, ou seja, dos mais fortes, desde a organização curricular aos meios avaliativos. A Educação Física sob uma ótica esportivista tem no esporte de rendimento, caracterizado pela competição e superação individual, ideais representados pela sociedade moderna, que ora tem seus objetivos voltados à formação de equipes, ora para a superação do outro, com a necessidade de mesmo durante as aulas, ter um vencedor.

O esporte enquanto representação da cultura moderna (BRACHT, 1997), presente nos mais variados contextos, e produtor de diferentes significados ganhou o espaço dos jogos populares nesta nova configuração da sociedade. Tendo assim, um crescimento “tão rápido e tão ferozmente quanto o capitalismo, o esporte expandiu-se a partir da Europa para o mundo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura de movimento” (BRACHT, 1997, p. 05), e que Kunz (1994) ao analisar o fenômeno esportivo entende que o esporte de rendimento produz e reproduz os valores da sociedade moderna, tendo no rendimento sua principal finalidade.

O que nos leva a considerar, assim como Kunz (1994) que o esporte que é ensinado nas escolas é cópia irrefletida do esporte de rendimento, o qual fomenta o sucesso de uma minoria e o fracasso de uma maioria. Já para Frizzo (2013), esta mesma lógica esportivista



acaba contribuindo para o que chama de naturalização do individualismo e competição entre os estudantes, o que entendemos favorecer para que as desigualdades sejam produzidas e reproduzidas dentro da escola configurando a realidade social vigente.

E, mesmo a cultura sendo mutável e as estratégias pedagógicas estejam em constante evolução, percebemos neste processo os princípios de uma lógica esportivista, onde o objetivo da escola é revelar talentos e formar atletas. Assim, o rachão é estratégico e pedagógico, onde as relações da escola se pautam nas relações de mercado, da mesma forma que o esporte na década de 1970 representava um modelo de formação. Hoje o esporte é um mercado e a escola assume as representações monoculturais (ARAÚJO; ROCHA; BOSSLE, 2018), o que nos leva a questionar que modelo de escola estamos construindo?

O rachão não é aquela brincadeira de final de aula como apontam Machado e colaboradores (2015) que entendem que a aula deva ter uma intencionalidade, e neste caso há uma intencionalidade que é a formação de atletas. Os Professores de Educação Física possuem experiência e não estão desinvestindo. Eles querem este modelo. Eles também querem ser campeões. Eles se empoderam, e neste caso o empoderamento não é contra hegemônico, ganhando status dentro da hegemonia, eles querem reconhecimento, e o mais interessante: a escola os reconhece a partir disso.

Na escola professor bom é professor que ganha campeonato. Os Professores de Educação Física “jogam o jogo” e, neste caso, eles assumem o “rachão” como prática pedagógica voltada a reprodução de um modelo esportivista, negando qualquer possibilidade de tencionar criticamente os saberes que envolvem este fenômeno. Todavia, pensando em possibilidades de romper como o modelo esportivista, que mesmo com todo o avanço acadêmico dos últimos trinta anos, parece ainda estar distante de alguns contextos, reconhecemos que no bojo da discussão a respeito de uma aula de Educação Física plural e que possibilite aos estudantes várias possibilidades, há inúmeros trabalhos no país que demonstram que é possível o professor de Educação Física se constituir como autor de sua prática (MALDONADO; JABOIS; NEIRA, 2019) ou seja, um intelectual transformador (BOSSLE, 2018).

E embora tenha se passado quase sete anos da realização deste estudo, com muitos avanços na produção de conhecimento no campo da Educação Física brasileira, tais como produções intelectuais de professores/pesquisadores, que problematizam suas práticas educativas, produzindo conhecimento com os estudantes, ou seja, reconhecendo e



problematizando a cultura corporal de movimento que vivem os estudantes em seus mundos. Exemplos disso, são os estudos de Araújo, Rocha e Bossle (2019), Borowski, Medeiros e Bossle (2020) e de Rocha, Coelho e Araújo (2021) que defendem uma Educação Física Crítica. E, infelizmente a Escola Comandaí mantém este mesmo ritual áulico com seus estudantes, mesmo diante de contextos escolares da mesma cidade que defendem pedagógica e politicamente uma descolonização curricular pautada na construção de uma pedagogia do oprimido, uma pedagogia construída com os estudantes (ARAÚJO, 2021).

Deste modo, é permissível ao professor propor momento não só de movimento, mas de pensar, ver e viver uma educação onde o ato de conhecimentos não fique centrado apenas no conteúdo em si, mas que “[...] o que possibilita a discussão da natureza mutável da realidade natural como da histórica e vê homens e mulheres como seres não capazes de se adaptar ao mundo, mas sobretudo de mudá-lo” (FREIRE, 2000, p. 96). Pois é no reconhecimento de que mudar é difícil, mas ao mesmo tempo possível, que o oprimido nutre esperança de mudar o mundo. E, para isso é necessário a luta, luta pela conscientização dos sujeitos, mas uma conscientização baseada numa perspectiva democrática de educação. Se, nos comprometemos com a educação democrática, então nos comprometemos em manter um posicionamento político, onde a neutralidade não tem espaço, pois neutralidade representa a negação da educação democrática (FREIRE, 2000).

Neste contexto particular, a aula de Educação Física vivida neste recorte temporal, não se desvelou como um espaço de ensino e de aprendizagem onde o debate de ideias e reflexões estava ausente, pois a manutenção do processo de esportivização e de formação de atletas, pautada na monocultura do futsal, não possibilitou espaços de diálogos e de partilha de experiências culturais plurais, pautadas na coletividade. Assim, invisibilizou a “boniteza da escola”, que circulava na cultura, mas não tinha espaço no contexto áulico de Educação Física, deste modo, ao ensinar necessariamente os conteúdos, se deixou de lado o pensar libertador da prática educativa (FREIRE, 1991).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Samuel Nascimento de; **Cultura corporal de movimento na escola e cultura corporal de movimento da escola: uma etnografia sobre a particularidade da seleção de conteúdos de ensino da educação física escolar.** 2016. 198f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.



_____. **“Esta terra tem dono”/ “co yvy oguereco yara”**: uma autoetnografia crítica da produção de resistência política de um professor de educação física de Guarani das Missões. 2021. 199f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2021.

ARAÚJO, Samuel Nascimento de; ROCHA, Leandro Oliveira; BOSSLE, Fabiano. **A educação física da escola pública**: práticas pedagógicas no ensino fundamental. Curitiba, PR: CRV, 2019.

_____. Sobre a monocultura esportiva no ensino da Educação Física na escola. **Pensar a prática**, v. 21, n. 4, p. 824-835, 2019.

ARAÚJO, Samuel Nascimento de e colaboradores. A educação física escolar crítica e o ensino de esportes na escola. In: ROCHA, Leandro Oliveira; COELHO, Márcio Cardoso; ARAÚJO, Samuel Nascimento de; **Educação física escolar crítica**: experiências em diálogo. Curitiba, PR: CRV, 2021.

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Motriz**, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.

BOROWSKI, Eduardo; MEDEIROS, Tiago; BOSSLE, Fabiano. **Por uma perspectiva crítica na educação física escolar**: ensaiando possibilidades. Curitiba, PR: CRV, 2020.

BOSSLE, Fabiano. Nosso “inédito viável”: o professor de educação física intelectual transformador. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline; FARIAS, Uirá Siqueira. **Os professores como intelectuais**: novas perspectivas didático-pedagógicas na educação física escolar brasileira. Curitiba, PR: CRV, 2018. P. 19-34.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre, RS: Magister, 1992.

_____. Educação física/ ciências do esporte: que ciência é essa? **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 14, n. 3, p. 111-118, 1993.

_____. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória, ES: Centro de Educação Física e Desportos, 1999.

_____. Epistemologia da educação física. In: CARVALHO, Mauri. MAIA, Adriano (Orgs.). **Ensaio**: educação física e esporte. Vitória, ES: Centro de Educação Física e Desporto, 1997.

CASTELLANI FILHO, Lino e colaboradores. **Metodologia do ensino de educação física**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.



FRIZZO, Giovanni. Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 163-180, 2013.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MACHADO, Thiago da Silva e colaboradores. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 129-147, 2009.

MALDONADO, Daniel Teixeira. JABOIS, Diego Pinto. NEIRA, Marcos Garcia. Organização didático-pedagógica das aulas de educação física na educação básica: entre o "não mais" e o "ainda não"? **Conexões**, v. 17, e019016, p.1-17, 2019.

MOLINA NETO, Vicente. **A prática do esporte nas escolas de 1º e 2º graus**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: MOLINA NETO, Vicente. TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **A pesquisa qualitativa na educação física**. Porto Alegre, RS: UFRGS/Sulina, 1999.

MONTANDON, Isabel. **Educação física e esporte nas escolas de 1º e 2º graus**. Belo Horizonte, MG: Villa Rica Editoras Reunidas, v. 2, 1992.

ROCHA, Leandro.; COELHO, Márcio.; ARAÚJO, Samuel.; **Educação física escolar crítica: experiências em diálogo**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

SOARES, Carmen Lúcia e colaboradores. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

STIGGER, Marco Paulo. Estudos etnográficos sobre o esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel (Orgs.). **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2007.

VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente: um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996.

Dados do primeiro autor:

Email: araujoedf@hotmail.com

Endereço: Rua Ijuí, 519, Bairro Esperança, Guarani das Missões, RS, CEP: 97950-000, Brasil.

Recebido em: 19/01/2022

Aprovado em: 13/06/2022

**Como citar este artigo:**

ARAÚJO, Samuel Nascimento de e colaboradores. A aula de educação física como “fábrica de campeões”: notas etnográficas sobre o “rachão”. **Corpoconsciência**, v. 26, n. 3, p. 55-69, set./dez., 2022.